

A CONSTRUÇÃO AUTORAL E O “EMBRUTECEMENTO” DO UNIVERSO FEMININO A PARTIR DO CONTO AS JAGUNÇAS DE ROMULO NÉTTO

Simoni Rodrigues dos Santos¹

Resumo: O trabalho de pesquisa apresenta um estudo sobre o conto As Jagunças do autor Romulo Néttö. O tema central da investigação apresenta o universo feminino recorrente na obra. partimos do pressuposto de que o contexto apresentado pelo autor, predominantemente feminino, sofre um processo de embrutecimento, engendrado pelo contexto de violência e combate que envolve as mulheres, as quais assumem o papel de enfrentamento das contingências de lutas que as cercam. Objetiva-se com isso, apresentar a partir de uma obra não canônica, a conquista de um espaço de protagonismo da mulher que constrói esse ambiente por meio de sua proatividade, inteligência e disposição para as lutas. Para analisarmos enfaticamente o objeto de pesquisa, apresentaremos um panorama estrutural da obra sobre os seguintes aspectos formais: investigação dos elementos da narrativa que ressaltam as lutas das mulheres e as questões sociais que enfrentam contra a hegemonia dos homens; reconhecimento do processo de embrutecimento como recurso de apropriação e domínio de um espaço de mulheres. Este trabalho foi desenvolvido por meio de pesquisa bibliográfica, análises e interpretações de livros e artigos científicos que enfatizam o assunto pesquisado. Pretende-se com isso, elucidar os conflitos que polarizam o debate crítico centrado no conto de Romulo Néttö. A saber as questões sociais, historiográficas, o contexto de violência, que reconfigura às identidades femininas que compõe a narrativa.

Palavras-chave: Narrativa Curta; Universo Feminino; Violência.

THE AUTHORAL CONSTRUCTION AND THE “BRUTALIZATION” OF THE FEMALE UNIVERSE FROM THE TALE THE JAGUNÇAS OF ROMULO NÉTTO

Resumen:El trabajo de investigación presenta un estudio sobre el cuento As Jagunças del autor Romulo Néttö. El tema central de la investigación nos revela el universo femenino presente en la obra. Partimos de la suposición de que el contexto presentado por la autora predominantemente femenina se somete a un proceso de estultificación, engendrado por el contexto de violencia y combate que involucra a las mujeres, quienes asumen el papel de enfrentar las contingencias de las luchas que las rodean. El objetivo es presentar, desde un trabajo no canónico, la conquista de un espacio de protagonismo de la mujer que construye este entorno a través de su proactividad, inteligencia y voluntad de lucha. Para analizar enfáticamente el objeto de investigación, presentaremos una descripción estructural del trabajo sobre los siguientes aspectos formales: investigación de los elementos narrativos que enfatizan las luchas de las mujeres y los problemas sociales que enfrentan contra la hegemonía de los hombres; Reconocimiento del proceso de stultificación como un recurso de apropiación y dominio del espacio de las mujeres. Este trabajo se desarrolló a través de la investigación bibliográfica, el análisis y la interpretación de libros y artículos científicos que enfatizan el tema investigado. El objetivo es dilucidar los conflictos que polarizan el debate crítico centrado en la historia de Romulo Néttö. A saber, las cuestiones sociales, historiográficas, el contexto de violencia, que reconfigura las identidades femeninas que componen la narrativa.

Palabras clave: Narrativa corta; Universo femenino; Violência

¹Mestranda do curso de Pós-graduação Stricto-senso em Estudos Literários (PPGEL - UNEMAT) - Campus de Tangará da Serra/MT. E-mail: simonilovestory@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A pesquisa apresenta-nos um panorama sobre as construções do universo feminino, tendo como ponto de partida o conto *As Jagunças* do autor Romulo Nétto. A trajetória ficcional dessa literatura usufrui do jaguncismo e apresenta ao leitor características imponentes, marcada pela força e desejo feminino. A narrativa é composta por 21 monólogos de personagens femininas, que coexistem com um narrador personagem que se apresenta em terceira pessoa e participa inteiramente das histórias enredadas.

Romulo Nétto compõe a narrativa, valendo-se de suas andanças pelo mundo, pela Ameríndia, pelas Serras das Gerais, vindo de Paracatu e enraizando-se em Cuiabá. O autor oferece em sua poesia, contos e romances aquilo em que cravou olho, gravou nos ouvidos, transformando em arte a vida. Com isso, elucidaremos a composição das estratégias formais presente no escopo da narrativa e como o autor intensifica sua escrita, na prosa, para compor a histórias das personagens em um tempo e espaço que, mesmo se mostrando cronologicamente e espacialmente, remete-nos a qualquer lugar do mundo, em qualquer tempo onde o horror, a submissão e resistência ainda existem.

Partiremos de uma análise da cronologia em tese, cultural, e dos pressupostos da construção da narrativa, elucidaremos as possibilidades de o passado e o presente se relacionarem ao tratar de conflitos entre valores atemporais. Com isso, passaremos a entender as multifaces do conto “As Jagunças”, a saber, as questões sociais e o empoderamento feminino, que reconfiguram às identidades das jagunças que compõe a narrativa.

A linguagem e a tessitura do texto contribuem para compor as personagens e a descrição da narrativa. A transposição da oralidade e a organização estrutural do texto nos permite

mergulhar no mundo “delas”, numa ecologia de saberes. Deste modo, daremos destaque a uma literatura descentralizada, não canônica, reconhecendo nestes traços identitários entre culturas.

AS JAGUNÇAS, UM RIO E SUAS HISTÓRIAS

Para analisarmos as histórias enredadas em *As Jagunças* foi preciso despirmo-nos de conceitos previamente concebidos, no que diz respeito às convenções que regem a normatividade, o cronotopo plural e metonímico. Ao mesmo tempo em que se faz no passado, há a presunção de um ainda-não.

Uma das características estruturais da narrativa em estudo é o rompimento com a paragrafação tradicional, pontuação, uso de letras maiúsculas e uma transposição da oralidade que chega a nos provocar certo desconforto. No entanto, logo após mergulharmos no mundo “delas” pelos seus conceitos e pela própria linguagem jagunça, passamos a perceber esse os acontecimentos de maneira diferente.

A narrativa apresentada revela-nos um narrador personagem que conhece intimamente a vida jagunça:

[...] malserá de mim todas essas agudas lembranças: perdidas em vagueio noturnos me acusando solene por não ter sido a mais melhor de todas jagunças dos Gerais a que! no bom palavrear prefiro no sossego ser deste lado dos gerais baiano não têm as graças nem invencionices deste meu pedaço eu me perdi encantadoramente aqui no meio de um bando de serenas mulheres cuja única paixão foi limpar cuidadosamente a carabina de dois canos. (NÉTTO, 2009, P.13)

Essa estratégia narrativa é comum às literaturas produzidas no século XXI, ao dar voz às personagens e intensificar o monólogo interior como estratégia de denúncia às violências

sofridas por todas as jagunças que encontram nesta profissão avessa por motivos afins: “função única desencorajar os coronéis a usar mulheres como se fossem bichos desprezíveis” (NÉTTO, 2009, p. 14). As trajetórias das personagens se entrecruzam em confrontos, bom prosear e acalento encontrado nas águas do Paracatu.

A união das jagunças dava-lhes liberdade, vindas dos mais diversos cantos revela-nos um sertão que não é um lugar, mas um mundo que narra a aridez de um entre lugar. Uma seca que existe no íntimo do ser engendrado pela violência:

Ainda mantinha o arco tenso nas mão flecha era Branca Tserité xavante que fugira desde Sangradouro no Mato Grosso por causa dos constantes estupros sofridos os padres da missão faziam fila um após outro em intermináveis noites o último abuso valeu o envenenamento de quatro missionários italianos Branca Tserité caiu no mundo por fim encontrara abrigo junto das pessoas certas todas nós fomos somos vítimas das fúrias dos homens (NÉTTO, 2009, p. 23).

Em uma ecologia de sentimentos e saberes mergulhavam suas mágoas nas águas do Paracatu, guardião das jagunças. O vínculo entre o rio e as mulheres nos faz perceber a relação de pureza que o rio oportuniza às mulheres sedentas de ódio e justiça.

No rio enlameado mas seguras em nós serenas donas dos destinos dagora ou d’amanhã ãl Seguimos desviando morros morrotes pequenos montanhas caudalosos cursos d’água que em eras outas protegiam do inimigo invisível prosseguimos rumo norte (...) cair na estrada pras barrancas do Paracatu proteger as gentes contra represálias dos poderosos. (NÉTTO, 2009, p. 24).

O embrutecer do comportamento das personagens justifica-se pela violência sofrida por elas, tais ações reconfiguram as identidades e dá lugar ao desejo de vingança “o silêncio é o verdadeiro solitário financiador de todas vinganças calei respirei fundo me fechei em copas passei horas com aquelas palavras martelando a cabeça entendi:

nada acontece antes da hora ninguém por assim dizer morre na véspera” (NÉTTO, 2009, p.36).

O discurso direto oportuniza os personagens, visto que o monólogo explora o dizer para ser ouvido. Dá voz aos marginalizados e valoriza a força da palavra enunciada. Podemos observar tais ocorrências por meio das narrativas das personagens:

[...] depois do acontecido tinha mesmo que fugir desesperada selei meu cavalo baio apanhei armas capa ideal desembestei pelo mundo buscando esconderijo sabia que mais dia menos o povo de Isabelê sairia na minha cola não temia por mim que muito bem sei me defender mas a família seria toda torturada assassinada disto não tinha dúvidas (NÉTTO, 2009, p. 35)

Outra característica importante a ser observada é o teor poético presente no enredo, que confere às personagens um teor emocional fortemente marcado pelo lugar de enunciação e interação.

[...] a mais forte das lembranças que tenho é daquela chuva primeira miúda como a gente dizia de molhar bobo depois foi engrossando até parece que o céu resolveu derreter de vez os pingos cortavam a pele penetrando dentro da alma ninguém arriscava botar a cara pra fora (NÉTTO, 2009, p.69)

O conto dá voz às narrativas de mulheres que resolvem contar suas histórias e, como forma de denúncia, a maioria delas se identifica em um contexto de violência e busca por justiça, voz esta que, por séculos, foi profundamente silenciada pela supremacia do homem. Romulo Néttto usufrui do monólogo e do discurso direto para priorizar e valorar essas histórias. Ao analisarmos a proatividade das personagens femininas em outras obras, percebemos que elas não ganham o destaque merecido, tampouco, a da força da palavra. Isso é recorrente em *Capitú* de Machado de Assis e *Diadorim* de Guimarães Rosa. Todavia, em *As Jagunças* as mulheres representadas têm essa força. Conquistam esse espaço, mesmo que envoltas

por violência de todas as formas. Juntas ganham força para reverter silêncio, pois elas são o próprio acontecimento.

A narrativa das personagens recorre à memória que, nitidamente, revela-nos a solidão existente no íntimo daquelas mulheres. O profundo rememorar é voltar a si e esse exercício é solitário. Nétto propõe essa visibilidade às mulheres diretamente e, por meio delas, busca dizer o que ninguém entende ou reconhece desse universo que ao mesmo tempo em que feminino, se embrutece diante da violência sofrida por elas. “buscando sorte ou distribuindo justiça seguindo o código estabelecido sem pestanejar pela primeira jagunça” (NÉTTO, 2009, p.37).

O comportamento não habitual e a palavra transgressora representam a rusticidade das mulheres e propõe uma ruptura com a tradição. Tais premissas podem ser observadas na seguinte passagem:

Montei nele como pensava montar em um homem só meu subjuguiei pelo pescoço fui desafivelando o cinto arriando as calças (fiquei pasma pois ele de pau duro pensava que queria trepar) só se assuntou quando sem cerimonia peguei da faca castrando-o num só golpe enfiando os bagos ensanguentados pela garganta adentro cuspi cusparada de fumo mascado em sua cara sumi no mundo por saber de outras bocas descobri que morreu (NÉTTO, 2009, p.37).

O impossível de ser aceito em *As Jagunças* se revela como a voz feminina, ruptura da ação e a normatividade causa estranhamento, no entanto o que permanece é o desejo e a buscar exaustivamente de que o mundo as compreenda.

A consciência do ser e a exclusão do mundo é outra característica do conto moderno. Romulo Nétto, por meio da narrativa das personagens, denuncia essa exclusão ao enredar um mundo delas. Essa solidão é vista quando as personagens se isolam, depois de romper com suas vidas anteriores.

[...] lamberam meu sangue impondo nas veias abertas anemia animal só ficou aterrorizante de saudades invadindo em crueldades maiores pro sempre meu viver sobrecarregando dores solidão nesta noite logo que a lua encheu possuindo calma nosso céu anilado descobri novas mágoas crescendo escondidinhas ninguém manda lembranças aos mortos não passava disso: morta em vida cerrada margeada arrodada pelas essências sinalizadoras da existência terrena (NÉTTO, 2009, p.102).

A narrativa em primeira pessoa, por meio do discurso direto, é uma tentativa da busca pela verdade do ser. O monólogo acomoda uma tensão da verdade do ser, quando não o enxergamos diante dos outros. Dizer como não dissesse a ninguém e essa palavra, em muitas medidas, pode não agradar. A proximidade da força da verdade oculta, a identificação com a atitude das personagens chama a atenção do leitor para os acontecimentos.

A narrativa da primeira jagunça confere uma relação íntima com o leitor ao não se revelar, pairando dúvida sobre sua identidade. Esse elemento narrativo corrobora com o desfecho das histórias, pois se mistura no tempo como se a primeira jagunça fosse qualquer mulher, em qualquer tempo.

Me vi perdida em Belzonte escondida numa pensão descobri notícias das gêmeas o coração disparou sábado era dia de palestra delas na universidade federal falariam sobre suas experiências enquanto pesquisavam o mundo marginal cheguei atrasada Aeuouvi tecia carinhos sobre a primeira jagunça meus olhos se fartaram de lágrimas teimosas que escorreram em cachoeiras cara abaixo não tive forças para continuar ao me levantar vi que ela tentou chamar meu nome tapou a boca caindo no choro como acostumado saí sem olhar para trás essa beirada de rio faz o passado vir à tona dilacerando com mais força meu enfraquecido coração (NÉTTO, 2009, p.101)

Neste conto, podemos perceber um painel panorâmico, um retrato sem retoques de relações sociais, culturais, morais e afetivas entre personagens comovidamente delineadas. Percebemos ainda, uma linguagem simples e direta, que busca reproduzir a fala do sertanejo, bem como retratar a cultura popular. Contudo, o que chama a

atenção é a caracterização das histórias de mulheres que beiram o ficcional e o real.

A CONSTRUÇÃO AUTORAL EM AS JAGUNÇAS

A iniciativa em pesquisar os construtos autorais se deu a partir do desejo de investigar a significação do feminino, presente nas 21 personagens de *As Jagunças* do autor Romulo Néttó. Tendo em vista a apropriação autoral masculina, embora partilhando do conceito de exotopia proposto por Bakhtin (1998), evidenciamos a contraposição de tais premissas, tomando como base as designações de Beauvoir (1970, p.9) que diz: “Um homem não teria a ideia de escrever um livro sobre a situação singular que ocupam os machos na humanidade. No entanto, os homens sentem que possuem legitimidade o suficiente para falar e escrever sobre as mulheres”.

Ao friccionar as posições distintas deduzimos que a visão empática do outro é um exercício de reflexão de extrema importância, para que tenhamos uma visão de totalidade, mesmo que não seja exata. Em consonância às concepções de Cândido (2008), fica evidente que “a literatura é uma das modalidades mais ricas, e a fantasia presente nela quase nunca é pura, pois se refere invariavelmente a determinada realidade”. Este vínculo entre imaginação e realidade, segundo o crítico, serve para ilustrar em profundidade a função integradora e transformadora da criação autoral com relação aos seus pontos de referência na realidade.

Esta liberdade, mesmo dentro da orientação documentária, é o quinhão da fantasia, que às vezes precisa modificar a ordem do mundo justamente para torná-la mais expressiva; de tal maneira que o sentimento da verdade se constitui no leitor graças a esta traição metódica (CANDIDO, 2006, p.18).

Nesse sentido, a visão autoral feita por um homem sobre as mulheres se faz pertinente, pois essa composição do “olhar do outro sobre mim”, possibilita confrontar-nos sobre a noção de totalidade.

A totalidade acabada do enunciado que proporciona a possibilidade de responder (de compreender de modo responsivo) é determinada por três fatores indissociavelmente ligados no todo do enunciado: 1) o tratamento exaustivo do objeto de sentido; 2) o intuito, o querer-dizer do locutor; 3) as formas típicas de estruturação do gênero do acabamento (BAKHTIN, 2003, p. 299).

Algo a ser referenciado no conto são as ambiguidades frutos desses constructos que, são ricas de significado, pois essa elaboração agenciada e ao mesmo tempo agenciadoras de sentidos, particularmente no que diz respeito às imagens do masculino e do feminino, almeja evidenciar uma incessante luta por igualdade.

As obras de arte, como mônadas sem janelas, «representam» o que elas próprias não são, só se pode compreender pelo fato de que a sua dinâmica própria, a sua historicidade imanente enquanto dialética da natureza, não é da mesma essência que a dialética exterior, mas se lhe assemelha em si, sem a imitar (ADORNO, 1970, p.16).

Embora, tanto em uma quanto em outra narrativa, os fatos são significados a seu tempo, experimentando as vicissitudes de suas diferenças, no jogo das produções discursivas sobre o lócus enunciativo, engendrados por outras criações literárias. Temos como exemplo: a música, o cinema, a historiografia, etc., que acabam tornando-se uma marca generalizante, com a qual se tem rotulado os corpos das mulheres e dos homens por gerações.

O título da obra *As Jagunças*, curiosamente, nos remete a um lugar de enunciação que reflete a dureza e marginalização. Uma vez que essa nomenclatura “jagunço” era propriamente designada aos homens, que não tinham nada a perder, predominantemente localizados na região nordeste do país. Guimarães Rosa (1956), usufrui

desse universo no livro *Grande Sertões Veredas*, quando constrói a saga de Riobaldo e Diadorim.

Tendo como eixo norteador, o fato de as mulheres fortes e empoderadas serem metaforicamente masculinizadas, compreendemos que existem inúmeros fatos socioculturais que justificam tais atitudes. Para Auerbach (2002), essa relação esta intrinsecamente ligada à política e eminentemente a fatores sociais, que discutem a posição da mulher e os equilíbrios e desequilíbrios de poder nas relações entre os sexos. Essa discussão é de fato a pretensão desse texto, que visa reconhecer o processo histórico e social de uma heroificação às avessas da mulher ao longo dos tempos.

Pensar na vida jagunça é também refletir que tais figuras, emblematicamente, representavam a coragem, e de muitas maneiras a destreza em sobreviver em ambientes hostis. Em *As Jagunças*, as personagens são diluídas em verdades de um sertão que existe dentro de nós. O mundo do cangaço era estritamente masculino. Essas mulheres embrenhadas no meio dos homens jagunços representam a liberdade e a busca por igualdade e legitimidade. Mulheres essas que lutaram pelo que acreditam e que para serem reconhecidas se “faziam brutas”, em uma sociedade predominantemente machista.

Dessa maneira representá-las é experimentar um lugar que nós esquecemos ou, em tese, ressignificamos “lugares” que não nos servem mais. Todo esse processo metamorfoseia o ser. Segundo Guimarães Rosa (1956): “A gente quer passar um rio a nado, e passa; mas vai dar na outra banda e num ponto muito mais embaixo, bem diverso do em que primeiro se pensou”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Demonstramos um panorama estrutural da obra *As Jagunças* de Romulo Néto, o qual valoriza a figura feminina por meio do discurso direto. Elementos esses, que ressaltam as lutas das

mulheres e as questões sociais que rompem com a hegemonia do homem. A reconfiguração das ações e a mudança de comportamento das mulheres acontecem pelo contexto da violência e da exclusão social, no qual o autor expõe de maneira exemplar a sensibilidade, o sofrimento e o desejo de justiça das personagens.

Por meio de uma literatura não canônica, reconhecemos a construção do universo feminino recorrente em *As Jagunças*. O conto estrutura a narrativa ao dar voz às personagens oportunizando-as contar suas trajetórias, no intuito de que sua representatividade se estenda a qualquer tempo e a qualquer lugar, por tratar de questões que até hoje são “tabus sociais”, sendo elas: o desejo, a força e a não resignação ao patriarcado.

O autor reivindica na obra um lugar de enunciação e a palavra como direito de todos, objetivando com isso o enfrentamento e um esforço em mostrar o ser humano real. Tais afirmações se revelam por meio do discurso direto. A composição das personagens é repleta de muita insubordinação, rebeldia, independência e coragem. As adjetivações promovem uma ascendência comportamental das protagonistas que de forma genial supera a problemática da técnica, ao apresentar uma linguagem que é capaz de tensionar e dizer o que não cabe nas palavras, valorizando expressivamente os vocábulos.

Destacamos alguns elementos que constituem o conto: a apresentação de um narrador fiel que cuidadosamente propõe a escolha geográfica, as emoções e o tempo como processo criador. O requinte no qual a obra é produzida respeita a significação da cultura e confere às personagens um nível vocabular simplório que aproxima da realidade exemplificada. A linguagem, por sua vez, configura a natureza e valida o ser humano. A tessitura do texto se desdobra como uma metalinguagem do fazer, a fronteira entre o

intuitivo e racional, estabelecendo o rompimento com a tradição.

Para entendermos melhor essa problematização, destacamos a importância e a necessidade do domínio de dispositivos analíticos por parte dos leitores. Para a percepção desses dois momentos da narração: o plano do narrador, com sua perspectiva expressiva e semântico-objetiva; o plano do autor que fala de modo refratado nessa narração. É essa percepção do segundo plano que permite que tenhamos a compreensão da obra como um todo. A compreensão da obra e a percepção desse segundo plano só acontecerão plenamente, se o leitor tiver conhecimento do contexto sócio-histórico da época e das condições de produção do autor, bem como da visão de mundo do período, entre outros elementos.

Há uma cisão dentro do conto, demonstrando uma racionalidade no que diz respeito ao processo de violência sofrido por todas as personagens. Essa configuração aparece como um problema revelador, que causa desconforto, pois confronta as convenções que por séculos regularam o comportamento das mulheres. É a modernidade invertendo o paradigma para superar a tradição. Não mais dando ênfase à força, nem tão pouco às questões éticas, pois a narrativa nos revela a angústia e a busca por justiça que é surpreendentemente encontrado pelo avesso.

Um elemento valioso que pode ser observado em um campo diferente do tempo e do espaço é tingido de elementos emocionais numa explosão de sentidos que se estendem em inúmeras veredas. O espaço é outro elemento importante, o qual é revelado justamente com o objetivo de apresentá-lo ao mundo. As jagunças que aparecem nas imagens iniciais de cada narrativa nos direcionam a uma simbólica configuração sobre as personagens do conto.

Entendemos que a construção imagética autoral das personagens não necessariamente

evidencia fidedignamente a realidade, mas sim uma tentativa de chegarmos a uma representatividade das violências, que ainda hoje reconfiguram as identidades femininas.

REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO

ADORNO, Theodor W. **Notas de literatura I**. Trad. Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34, 2003. p.16.

AUERACH, Erich. **Mimesis**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. **Questões de literatura e estética: a teoria do romance**. São Paulo: Hucitec, 1998

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. In: BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p.261-306.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. 4.ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1970.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

ROSA, João Guimarães. **Grandes Sertões Veredas**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1956.

NÉTTO, Romulo. **As Jagunças**. 1.ed. Cuiabá-MT: Carlini & Caniato, 2009.

Submissão: 18/07/2019

Aceite: 18/09/2019